

A IMPRENSA

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA

DIRECTOR LITTERARIO — Affonso Vargas

ASSIGNATURA	Publicação quinzenal	EXPEDIENTE
Lisboa: cada numero, pago no acto da entrega... 300 réis. Provincias e ilhas: trimestre ou 6 numeros..... 2000 . Brazil (moeda fraca): semestre ou 12 numeros..... 12000 . Numero avulso..... 2000 .	N.º 55	Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua da Imprensa Nacional, 81, Lisboa. Assignatura paga adiantada. Artigos recebidos, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

PORTUGAL AFRICANO

II

Quando o nosso anterior artigo começou a correr mundo, chegava aqui o *ultimatum* com que a diplomacia torva e infamante de um ministro inglez vinha afrontar a um tempo os brios de um povo e a gloria de uma civilização!

Esse artigo, escripto dez ou doze dias antes de tão subitaneo e inesperado golpe de mão, fôra concebido n'um ponto de vista imparcial e sereno, e porventura, apparecendo n'um momento de sobre-excitação nacional, desagradaria aos mais impacientes e exaltados, e até mesmo a muitos espiritos sinceramente patriotas, que na sua paixão simplista e absorvente não poderiam com certeza explicar como haveria quem se atrevesse a reconhecer qualidades n'um paiz que assim nos injuriava.

Está, porém, pelo que dissemos, explicado o facto, porque, de outro modo, era natural que se n'essa occasião necessitassem formular uma opinião sobre o assumpto em litigio, não tivéssemos a precisa tranquillidade de animo para escrever como escrevemos.

Comtudo, não nos arrependemos das opiniões que emitimos, nem temos de retractar-nos, porque continuamos a pensar que quaesquer que tenham sido e venham a ser ainda os agravos recebidos dos *nossoes fieis alliados*, não poderão em consciencia negar-se-lhes as grandes qualidades individuaes que os caracterisam.

Vamos até mais longe: um dos meios que nós precisamos empregar para nos desafortarmos, e para tirarmos das injurias recebidas o desforço condigno, é imitar algumas d'essas qualidades, que fecundadas de mais a mais pelo nosso generoso e rico sangue latino ainda mais se hão de sublimar e distinguir.

Sejámos, por exemplo, tão ferozmente patriotas como o são os inglezes, tão zelosos da honra do nosso nome social, do brilho da nossa bandeira, das excellencias do nosso character, e da grandeza da nossa missão, como elles unanimemente mostram ser; nacionalisemos corajosamente e effectivamente todas as energias que com tão pouco patriotismo e tanta imprevidencia malbaratámos; façámos, enfim,

que Portugal seja primeiro que tudo dos portuguezes e para os portuguezes, imitemos as *virtudes modernas* d'esses carthaginezes do seculo XIX, e, muito mais cedo do que elles pensam, havemos de ser tão grandes que poderemos a nosso turno responder aos seus *ultima*—com mais alguma cousa que com protestos ou com epilepsias.

Desenganemo-nos, meus amigos; a era do cavalheirismo e da generosidade passou na Historia, e nós agora temos de applicar á lucta social a mesma lei que Darwin applicou ao mundo animal.

Essa mesma lei já Spencer a descobrira nas sociedades, formulando-a com a frieza de um philosopho; a experiencia demonstra-nos a verdade d'ella, por isso se queremos *viver* temos que *luctar*.

E não é intrigando e detrahindo-nos na politica; anquilosando-nos na industria, desnacionalisando-nos nos costumes, estacionando na sciencia, subalternando-nos na arte e no commercio, e, finalmente, adormecendo na apathia, no indifferentismo e na inercia, que nós havemos de accentuar-nos digna e fortemente na civilização, e de marcar com um largo sulco, poderoso e inconfundivel, a nossa individualidade perante o mundo.

Ao nosso passado—o mais glorioso e o mais bello com que um pequeno e mesmo um grande paiz poderia ufanar-se, precisamos antepor como testemunho e offerecer como succedaneo, alguma cousa de mais solido e de mais persuasivo que o nosso presente anarchico e o nosso futuro dubio.

E quando se têm tradições da ordem e do valor das que nos sagraram perante a consciencia universal, deixar que as empane o sopro lethifero da imprevidencia, que as macule a baba peçonhenta das pequenas paixões e das mesquinhas sizanias, é muito maior crime ainda que não poder evitar n'um momento de perigo supremo que as esmague ou as esphacele a larga pata brutal da força e a garra afiada e recurva do eterno egoismo e do sordido interesse postos ao serviço de um Estado...

O pontapé que um pseudo-alliado nos deu pôde ser um impulso redemptor para nós se tivermos a prudencia, que é o juizo dos fracos, e a tenacidade, que é a força dos pobres.

Mas nem a prudencia nem a tenacidade excluem a hombridade digna, a altivez serena, e a coragem valorosa e fria—sobretudo fria, que é a mais util.

Será assim, procedendo com tino e com methodo, adiado momentaneamente a solução precipitada de problemas que, por demasiado radicacs em politica, não fariam senão perturbar e anarchisar mais a situação dos espiritos; procurando educar as novas gerações fóra da atmosphera deprimente e deleteria em que uma parte da actual e da que ultimamente nos precedeu mergulharam, infelizmente para nós e para ellas; dando um ideal e uma convergencia a tantas vontades que se debatem na incerteza e na desorientação, o que, alem de ser immoral, é mephítico; n'uma palavra, elevando o culto da honra, do trabalho e da patria á altura a que elles devem ascender, será assim que nós poderemos readquirir o logar que perdemos, e resolver os problemas que nos preoccupam.

São esses problemas de diversas ordens, embora envolvidos todos n'um problema geral e unico—o do nosso renascimento social.

Economicamente, precisamos emancipar-nos da vergonhosa dependencia em que, sob muitos aspectos nos temos conservado não só da Inglaterra como até de outros paizes, mas muito especialmente d'este, o que até nem será difficil, porque se dos artigos importados pozermos de lado o algodão em que a verba por que figura aquelle paiz é de 2:799 contos ao passo que a dos demais perfaz apenas 692 contos, em quasi todos os outros já hoje a Gran-Bretanha occupa um grau inferior, como se pôde ver dos respectivos mappas officiaes.

E será auxiliando e fomentando a criação de nucleos industriaes importantes, alguns na metropole e outros na propria Africa, onde, por exemplo, como sisadamente lembra um distincto publicista, poderia ensaiar-se a cultura d'esse mesmo algodão, que tão largamente importámos de Manchester; será promovendo por meio de rasoaveis auxilios pecuniarios e por uma efficaz protecção, desvelada e solicita a emigração de centenas de braços que vão estiolar-se e apodrecer nas ilhas Sandwich, no Haiti, no Brazil, na California, nas republicas do Prata, alem dos que se estiolum e apodrecem aqui mesmo, entre nós e nas nossas ilhas; será facilitando ferramentas e utensilios de trabalho, cedendo terrenos, concedendo premios e atrahindo até uma parte da população estrangeira, mas da nossa raça, que, seriamente dirigida e educada, longe de ser um perigo para nós seria um cooperador importante; reformando ou codificando n'esse sentido as leis do recrutamento, de modo que sem deixar de haver a precisa e cada vez mais indispensavel instrucção militar, que deveria até diffundir-se começando obrigatoriamente na instrucção primaria e acabando no ensino superior, não carecesse o estado de paralyssar elle proprio ingloriamente tantas energias que nem lhe utilisam na guerra, nem podem engrandecel-o na paz; finalmente, será generalisando, multiplicando o ensino professional, industrial, artistico e scientifico que nós poderemos resolver o problema da nossa pobreza de recursos e de faculdades, tornando-nos, se não um paiz concorrente, pelo menos um paiz autonomo, supprindo-se a si mesmo com os elementos extrahi-

dos do seu proprio trabalho e da sua real actividade.

Fallam em que temos faltas de população para tão largos emprehendimentos, mas os que isso aventam esquecem-se de comparar n'este ponto a estatistica de muitos outros paizes em que ella não era inicialmente maior e que hoje figuram com um excedente, que n'alguns até já começa a ser perigoso.

Ora nós, antes de chegarmos á plethora temos tanto caminho a percorrer!

De resto, seria pueril recordar que desde que as condições da nossa vida interna melhorarem, e que a situação financeira individual permittir mais facilmente a criação da familia, a população crescerá na razão directa da nossa proporção geometrica, alem de que, a infusão de sangue alheio desde que obedeça a preceitos scientificos e racionais, permite em parte a solução de uma das incognitas, especialmente se os termos d'esta equação forem—juizo e vontade.

Moralmente todos nós, governos e individuos, precisamos morigerar-nos, corrigindo-nos e corrigindo, cortando excessos inveterados e abusos de toda a ordem: de palavra, de actos, de incoherencias, de corrupção de auctoridade e de liberdade; não esquecendo, porém, que se conforme o velho dictado: *corruptio venit ab alto*, os primeiros que têm de dar o exemplo de reformação e de emenda são os governos, que tão a miudo atropellam as leis e o bom senso, que com tanta semceremonia se collocam fóra da ordem que dizem querer manter, e praticam actos, não revolucionarios no sentido fecundo e suggestivo da palavra, mas perturbadores e anarchicos, demonstrando estreiteza de vistas, acanhamento de idéas e inopia de sciencia...

Litteraria, scientifica, artistica e socialmente precisamos ter em vista que não são os povos mais aguerridos, nem os mais ricos de numerario ou de territorio aquelles que representam a civilisação e a servem ou a dirigem, mas aquelles onde o culto desinteressado e religioso da eterna verdade, da incorruptivel justiça e da immaculada honra congrega em volta de si maior porção de crentes e de sectarios; e não devemos esquecer um instante só que a ideal e branca flor da Arte, encarnando-se em alguma das suas multiplices fórmãs, na litteratura, na estatuaria, na musica e na pintura, só desabrocha e florece quando a vivifica com o seu pollen de ouro o sol do Amor, do Amor que é como que a propria crystallisação de Deus...

Lemos em geral o que escrevem os francezes, os inglezes, os russos e quasi não lemos nada o que escreveram e escrevem os nossos.

Caimos em admiração pelos quadros, pelas musicas, pelas estatuas de todos os mestres de fóra, e de ordinario não procurámos auxiliar e animar os de casa.

Em summa, o estrangeirismo, eis o primeiro cancro que urge extirpar e a serio, e de vez, se queremos realmente contar como alguém.

Isto que deixámos dito, e que á primeira vista parece não se relacionar com o titulo do nosso artigo, é, no emtanto, a prova provada de que só mudando de processo é que poderemos ser Portugal e alem d'isso fazer um Portugal africano.

Insultaram-nos porque se habituaram a contar com a nossa fraqueza, com a nossa incuria, com a nossa ignorância. Expoliam-nos, porque nos consideram incapazes e ineptos, e acabaram por nos apropriar pela força em nome de uma pseudo-civilização, porque se convenceram que, além do mais, nem resistir sabemos.

É triste que assim seja; mas desgraçadamente é. Fallámos-lhes em tradições, em serviços feitos á humanidade e á civilização. Bem se importam com isso os nossos espoliadores!

É verdade que ainda elles não haviam entrado na Historia e já nós descobriamos em 1420 a Madeira, em 1433 Porto Santo, em 1461 Cabo Verde, em 1471 e 1472 a Guiné, e Cabo Verde, em 1484 o Congo, em 1497 a Índia, em 1500 o Brazil, em 1501 a Costa do Lavrador, em 1506 o Ceylão e Madagascar, em 1508 Sumatra, em 1511 as Molucas; não podem elles proprios negar-nos que em 1517 chegavamos á China, que dois annos depois, em 1519, davamos com Magalhães a primeira volta do mundo muito antes que a dessem o seu Cavendish e o seu Drake; que em 1521 fomos ás Mariannas, á ilha dos Ladrões e ás Philippinas; que em 1542 descobriamos o Japão, e que, finalmente, durante mais de um seculo enchemos o mundo com o echo da nossa voz, com a fama do nosso heroismo, com o topo das nossas caravélas; mas estes documentos vivos do nosso passado que *elles mesmos* se não atreveram ainda a rasgar por completo, embora por mais de uma vez o hajam tentado; estes documentos precisámos nós escudal-os com os testemunhos *actuaes* do nosso querer, do nosso esforço e da nossa iniciativa.

E para se obter este *desideratum* o que temos a fazer antes de mais nada é imitar os nossos inimigos nas qualidades que realmente os tornam fortes, sem perdemos, porém, nós aquellas que nos fizeram grandes e nos tornam sympathicos, e algumas das quaes — mercê de Deus — nem elles nem ninguém ainda nos fez perder, e que não podem até ser copiadas, tão fundamentaes, tão instinctivas, tão radicalmente nossas são ellas!

Nós podemos com vantagem aproveitar o que elles têm de bom, elles não poderão, ainda que queiram, refazer-se para nos igualar.

Aqui é que está, portanto, o segredo da nossa força, que se for sabiamente canalizada e distribuida, pôde tornar-nos se não tão grandes como fomos, porque não se repetem na civilização, apesar da lei do rythmo, as causas que determinaram uns certos effeitos, pelo menos ainda bastante altos para que todos nos vejamos.

O missionario John Mackenzie escrevia da Machona o seguinte:

«A Mashonalândia é a parte mais bella da Africa Austral. Desde o rio Mozõe que corre para o Zambeze até ao rio Pate, que corre para o Limpopo, o paiz contém muitos filões de quartzo, e rios na areia dos quaes se encontra ouro.»

É preciso que antes de missionarios como este virem dar ao seu paiz informações d'esta ordem nós todos, Estado e individuos, sabíamos as riquezas que temos n'aquillo que é *nosso* e que não deixemos que

outros explorem o que nós poderíamos e deveríamos explorar com elementos nossos ou, pelo menos, sob a nossa direcção effectiva.

Resumindo, nacionalisemos o trabalho, apertuguezemo-nos a valer, façamos a propaganda constante, esclarecida e patriótica do amor por tudo quanto é e quanto precisa ser portuguez, e organizemos a nossa defeza, mais com a nação toda armada na paz pela sciencia, pela industria, pela arte e pelo commercio, do que só com canhões e com fortalezas que, além de nos derrancarem financeiramente, não impediriam que houvessemos fatalmente de ser eliminados, desde que outros titulos, diversos d'estes, não tivéssemos a apresentar perante a civilização, para justificarmos o nosso direito á existência e á lucta.

Será este tambem o nosso melhor desforço em face de uma affronta que nos deve duplamente doer: por ser grosseira e por ser covarde; porque representa um canibalismo que revolta e uma hypocresia que enoja.

Será este tambem o melhor meio de responder a essa moderna Carthago, cujos actos o seu mais eminente pensador, Herbert Spencer, tantas vezes tem lucida e nobremente estigmatizado nos seus livros, a quem Byron flagellou com versos que são estyletes, e que lá em cima, nas alturas mysteriosas e impenetráveis, fará chorar de envergonhado o divino e genial Shakspeare...

AFFONSO VARGAS.

OS INGLEZES E O MARQUEZ DE POMBAL

Em agosto de 1759 o almirante inglez Boscawen accommeteu com a sua esquadra quatro navios francezes nas aguas do Algarve, debaixo da artilheria de Lagos, e depois de aprisionar toda a guarnição, mandou queimar aquelles navios, que pertenciam á esquadra do almirante francez mr. La Clue.

Este inaudito atrevimento, esta infracção audacissima do direito das gentes, escandalisou todas as nações civilizadas, e Portugal exigiu uma prompta e completa satisfação.

Hesitou a Inglaterra em a dar desde logo como lhe cumpria, o que deu logar ás tres famosas cartas do marquez de Pombal, dirigidas a lord Chatham.

Na primeira dizia o grande ministro d'el-rei D. José I:

«Eu sei que o vosso gabinete tomou grande imperio sobre o nosso, mas tambem sei que é tempo d'elle acabar. Se os meus antecessores tiveram a fraqueza de vos conceder quanto quizestes, eu nunca vos concederei senão o que vos dever. É esta a ultima resposta; regulae-vos por ella.»

Nas duas que se lhe seguiram, diz o marquez de Pombal:

«Eu vos rogo que não me façaes lembrar das condescendencias que o meu gabinete tem tido para com o vosso; ellas são taes, que não sei que alguma potencia as haja tido semelhantes para com outra. É justo que este ascendente acabe por uma vez, e que

façamos ver a toda a Europa que temos sacudido o jugo de uma dominação estrangeira.

«Nós não podemos provar isto melhor, que obrigando o vosso governo a dar-nos uma satisfação, que por nenhum direito nos deve negar. A França olha para nós como para um estado enfraquecido senão podermos obrigar-vos a dar-nos rasão da offensa que nos fizestes indo queimar de frente dos nossos portos navios que deviam ter ali toda a segurança.

«Vós ainda vos não fazeis figurar na Europa quando a nossa nação era a mais respeitavel. A vossa ilha não passava de um ponto na carta geographica, ao mesmo tempo que Portugal a enchia com o seu nome. Nós dominavamos na Asia, Africa e na America, quando vós domináveis somente em uma ilha da Europa. A vossa potencia era do numero d'aquellas que não podiam aspirar mais que a segunda ordem e, pelos meios que nós vos temos dado, a tendes elevado á primeira.»

Em seguida, o marquez de Pombal lembrava os sacrificios que nos tem custado a Inglaterra; a moeda de contado que lhe tinhamos dado para ella formar os seus exercitos e fazer as suas conquistas;—que a Inglaterra em cincoenta annos tinha levado de Portugal mais de **1:500 milhões de libras esterlinas**, somma enorme de que a historia não fornece exemplo;—que a Inglaterra artemmente se tinha apoderado das nossas minas; que em Portugal não ficava uma só peça de ouro das que vem do Brazil, pois que todo vae para a Gran-Bretanha, o que lhe fazia augmentar a sua riqueza numeraria; que por um expediente de que não ha exemplo na historia universal do mundo economico, Portugal dava á Inglaterra a faculdade de se vestir e fornecer de todos os objectos do nosso luxo, e que nós davamos que viver a 500:000 subditos do rei Jorge, população que alli vivia á nossa custa; que se nós antigamente lhe forneciamos o trigo eram elles hoje que nol-o forneciam, visto termos deixado tornar os nossos campos em baldios; que bastava só uma lei para os precipitar no abysmo, bastava só prohibirmos a saída do nosso ouro para a Gran-Bretanha, e que devia acabar o privilegio odioso dos seus navios não serem visitados na sua partida, porque elles transportavam todo o nosso dinheiro.

E conclue:

«Eu fiz estrangular vivo o duque de Aveiro por ter attentado contra a vida do rei; eu poderei fazer enforcar um capitão por ter roubado a sua effigie com desprezo das leis.

«Vós não ignoraes que Cromwell, na qualidade de protector da republica ingleza, fez cortar a cabeça a Pantaleão de Sá, irmão de João Rodrigues de Sá, embaixador de Portugal em Inglaterra, por se ter prestado a um tumulto. Não sou Cromwell, mas estou em estado de imitar o seu exemplo na qualidade de ministro protector de Portugal. Fazei, portanto, o que deveis, se não quereis que eu faça o que posso.»

Em consequencia das energicas reclamações do governo portuguez, a Inglaterra mandou expressa-

mente a Lisboa, como seu embaixador extraordinario, lord Kinnoull, para dar a Portugal plena satisfação e as mais attentos desculpas do desacato commetido. Aquelle embaixador foi recebido pelo soberano e o seu severo e grande ministro em 21 de março de 1760.

DA MINHA CARTEIRA

(Notas e transcripções)

De todas as distracções proprias para fazerem esquecer o lado material da existencia, nenhuma ha que tenha vantagens tão reaes e apreciaveis, como *arte intima*.

(Spire Blondel.)

* *

A seducção artistica é o mais poderoso estimulo do trabalho intellectual.

* *

Troyon é perfectamente o que eu *vi*, mas Corot é o que eu *experimentei*.

(Ramalho Ortigão.)

* *

O vasilhame de Extremoz, de fórmãs simples, elegantes, filiadas no cylindro e no cone, e delicadamente ornamentado por umas finissimas rendas de barro, deriva indiscutivelmente da arte mourisca, tão evidente ainda no sul da Hespanha e n'alguns pontos de Portugal, apesar de combatida por vezes como estylo heretico.

* *

A grande historia esquece muitissimas vezes, os artistas que põem o seu talento ao serviço das *mundanidades* de cada dia, e não ha rasão para isso. Unicamente elles dão a verdadeira physionomia do tempo em que viveram.

(Eugenio Piot.)

* *

Quando n'um paiz não é conhecida e respeitada a tradição artistica nacional, a Arte descamba no individualismo e decêe. Para que ella renasça, e se converta de manifestação particular da idiosyncrasia de um individuo n'um grande facto social, é preciso fixar pela analyse e pela comparação dos productos artisticos de um passado mais fortemente nacional, e, talvez sobretudo, pelo exame das pequenas industrias locais e tradicionalistas,—em regra tão tenazes e tão artisticas, e por isso tão valiosas como documentos,—é preciso fixar, pelo estudo de todos esses productos, o traço distinctivo e particularisante,—que, accusado nas obras de arte d'esse paiz, lhes dá um *ar de familia*, uma physionomia especial, evidente e inconfundivel, que approxima ainda as mais diversas:—um edificio e uma joia, um prato de barro esmaltado e uma fechadura. E preciso,—digámol-o

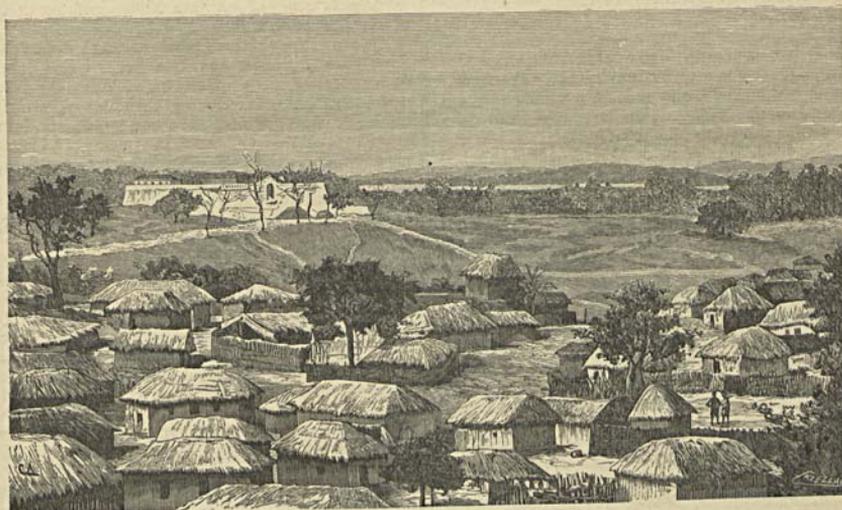
mais rapidamente,—pôr em relevo a tradição artística nacional.

A escolha do assumpto está inteiramente fóra do dominio da critica. E o resultado das multiphas influencias, que actuam no espirito do auctor, dando-lhe a sua physionomia propria, caracterisando-o, in dividualisando-o; é, como o estylo, a essencia do artista realisada na obra de arte.

JOSÉ PESSANHA.

VILLA E FORTALEZA DE MASSANGANO

Capital do concelho do mesmo nome, districto e comarca de Loanda, provincia de Angola, na Africa occidental portu-



O primeiro presidio foi fundado pelo famoso Paulo Dias de Novaes entre os annos de 1580 e 1583, no logar denominado Macunde, d'onde depois o passou para aquelle em que se acha, de que tomou o nome, e no qual o intrepido capitão fez erigir a actual fortaleza, que é, por sem duvida, um dos mais notaveis monumentos do nosso dominio e conquistas ultramarinas.

A escolha do sitio não podia ser mais acertada, pois que, alem de centro de um commercio importante de todo o concelho e sertões vizinhos, constitue um excellente ponto estrategico para qualquer especie de operações.

Ganhou Massangano os fôros de villa em consequencia da defeza sempre energica e valorosa, tanto da guarnição, como dos habitantes, nos repetidos e sangrentos combates com os negros, e principalmente por ter sido, em 1641, não só o baluarte onde se quebrou o impeto de numerosas forças regulares hollandezas quando invadiram a cidade de Loanda, como o derradeiro refugio das nossas armas, enquanto não chegaram do Brazil, sob o mando supremo do heroico Salvador Corrêa de Sá, os soccorros, que conservaram para Portugal aquella importantissima possessão.

gueza, a villa de Massangano está situada na margem direita do rio Quanza, muito proximo, mas um pouco para leste da confluencia do Lucalla, tributario d'aquella grande arteria aquatica do continente negro.

Em Massangano residem não só as auctoridades, mas os maiores proprietarios, fazendeiros e pessoas mais gradas do concelho. A villa forma uma unica freguezia, sob a invocação de Nossa Senhora da Victoria, e tem mais de seiscentas casas de madeira e adobes, e algumas, poucas, de alvenaria tambem. A séde da parochia é um excellente templo, acaso dos melhores da provincia. Ha, por igual, na villa uma escola de instrucção primaria, que é frequentada por sessenta a setenta creanças em media; e ultimamente estabeleceu-se uma estação telegraphica da linha de Loanda a Caculo.

A fortaleza, que é abaluartada, solida e regularmente construida, monta doze canhões de grosso calibre, e abrange em seu recinto armazens, quartéis e varias outras dependencias em soffrivel estado de conservação. Antigamente era guarnecida com uma companhia de 1.ª linha, duas de milicias e uma de ordenanças; hoje a guarnição é de duzentas praças, pouco mais ou menos, sendo metade d'esta força de 1.ª linha.

O concelho de Massangano é limitado a N. e O. pelo rio Lucalla, que o separa dos concelhos de Icolo e Bengo, Ambaca e Calumbo; ao S. pelo Quanza e Mucoso, que o apartam do concelho de Cambambe, e a E. pelo concelho de Caxengo. Comquanto frequentemente alagado pelas inundações do Quanza e seus afluentes, o territorio é feracissimo, e presta-se a todo o genero de cultura, possuindo tambem excellentes pastagens, que alimentam muito gado.

O commercio com os povos sertanejos de Bailundo e Libollo tem tomado consideravel desenvolvimento, sendo de presumir que augmente ainda em grandissima escala quando a linha ferrea em construcção, de Loanda a Ambaca, se approximar do seu terminus.

Massangano não é infelizmente favorecida pelas melhores condições hygienicas. Algumas das causas de sua insalubridade, podem, porém, ser removidas, e é provavel que o vão sendo á medida que os progressos da civilisação se accentuarem.

Calcula-se a população do concelho de Massangano em 25:000 almas (6:012 fogos). Nada menos de 28 sobas reconhecem e estão subordinados ás auctoridades do concelho.

UM DISCURSO DE JOSÉ ESTEYÃO

Comecemos hoje a publicar um trecho do memoravel discurso que o grande e glorioso tribuno proferiu na camara dos deputados em sessão de 13 de fevereiro de 1840, sobre a questão ingleza, e em resposta a Garrett.

Tem elle tanta actualidade, e o calor, o patriotismo e a verdade que a cada momento ressaltam das suas palavras, farão ainda hoje vibrar de tal fôrma a alma dos que forem verdadeiramente portuguezes, que entendemos cumprir um dever pondo-o diante dos olhos de todos aquelles que quizerem e souberem *ver*.

Na hora presente tudo quanto contribuir para alimentar na consciencia publica o fogo sagrado do amor da nossa terra é, alem de uma obrigação de honra, um protesto de dignidade.

Leiam, pois, os leitores este magnifico trecho—magnifico mesmo litterariamente fallando—e meditem-no bem.

... Deixo os tempos em que as nossas relações com Inglaterra não tiveram um caracter de regularidade e permanencia, que podessem formar um sistema diplomatico digno de analyse, e proprio para fundamentar um juizo. Começarei, pois, minhas observações desde o reinado de D. Fernando I.

... Tinha uma filha o nosso fraco e versatil rei Fernando I, e prometia a mão d'ella a todos os principes, e por isso com todos elles fazia e desfazia alianças. A final ajustou-se o casamento com el-rei de Castella, e as estipulações d'esta alliança eram vantajosas, podendo, em virtude d'ella, reunir-se na dynastia portugueza a corôa de Castella.

N'esta negociação não teve parte a rainha D. Leonor, e meditou logo contrariar-a. Na casa de Lencastre suscitaram-se pretensões á corôa de Castella, e a mão da princeza Beatriz foi prometida ao dũque inglez, e com ella a ajuda de nossos braços para lhe conquistar o throno de Castella. Estes reciprocos empenhos estipularam-se no tratado de 1373, e o devasso João Fernandes Andeiro foi o seu negociador.

Note, senhores, que ligado ao primeiro tratado com a Inglaterra, apparece o nome mais antipathico ao paiz, e como que os principios d'esta alliança foram logo sentenciados pelo rancor do povo nos tractos, que elle depois deu ao diplomata que a encetou!

Em virtude do tratado de 1373 começou a guerra. Os inglezes desgostaram-se em breve das fadigas da campanha; depois de varios desastres, ajustou-se a paz, e para fazer cumprir os seus artigos tão pouco ajudado foi o rei Fernando pelos seus alliados, que teve de commetter á sua espada a execução do tratado: el-rei de Castella, a final, houve-se com lealdade por medo de um desafio.

As forças inglezas tantos flagícios fizeram em nossos campos, tantos disturbios em nossas cidades, que a animadversão publica se levantou contra ellas, e para nos livrarmos de tão impertinentes hospedes se estipulou no tratado de paz com o rei de Castella o transporte d'elles para a sua ilha.

Ha, pois, quasi cinco seculos, que os inglezes negoceiam com as mãos das nossas princezas, que vem ao nosso territorio combater pelos seus interes-

ses, que arrastam nossos soldados a pelear pelo seu engrandecimento, e que vexam nossas povoações com suas violencias; ha quasi cinco seculos, finalmente, que nos excitam á guerra, e que nos desamparam na paz.

A nossa bandeira tremulou nos mares de Africa; ali a espada de nossos capitães avassallou-nos regulos, conquistou-nos terras, e assim ficámos senhores de um novo e rico manancial de commercio. Os inglezes, como nossos fieis alliados e sinceros amigos, não nos quizeram deixar disfructar sôo o resultado de nosso esforço e espirito aventureiro; seus navios começaram a frequentar os portos de Africa, e a partilhar do commercio d'aquellas possessões. Isto foi considerado como uma verdadeira intrusão, e deu origem ás mais serias desavenças e justas queixas da parte dos portuguezes. Para obviar a estes inconvenientes a rainha Izabel negociou connosco o tratado de commercio de 1571, onde se acham estas palavras—*ut perfecta sit amicitia, et liberum utrinque commercium*.

Esta mesma rainha Izabel, a quem nunca faltou ferro para se vingar das suas rivaes e dos inimigos da sua corôa, com manifesta violação do tratado que mencionei, com quebra de todos os principios do direito das gentes, só porque seus subditos se lhe queixavam de que soffriam violencias e pilhagens no commercio da costa d' Africa feitas pelos portuguezes, mandou formar uma commissão para julgar estas reclamações, ordenando que fosse paga a sua importancia pela propriedade que nossos negociantes possuissem na Gran-Bretanha!

Ha quasi tres seculos, senhores, que os inglezes, debaixo do titulo de nossos amigos, procuram arruinar nossos interesses; ha quasi tres seculos, que nos pregam a doutrina da liberdade de commercio, que nunca seguiram; ha quasi tres seculos, que mandam julgar pelos seus tribunaes as reclamações que seus concidadãos fazem contra nós, e que se assenhoreiam das nossas propriedades para satisfazerem essas exigencias!

Note, senhores, a homogeneidade do procedimento do governo da rainha Izabel e do da rainha Victoria, e pasmae d'esta analogia historica. Em 1573 a rainha Izabel manda dispor da propriedade portugueza para pagar as reclamações dos negociantes inglezes da costa de Africa; em 1839, a rainha Victoria manda dispor dos nossos fundos para pagar as reclamações de sir John Myl Doyle!

Taes eram as nossas relações commerciaes com a Gran-Bretanha, quando o moço D. Sebastião, victima de uma intriga diplomatica e dos erros da sua educação, foi deixar em Africa, com a flor dos nossos guerreiros e com as esperanças de successão, os penhores da nossa independencia. A nossa nacionalidade, ferida mortalmente na batalha de Alcacer-Kibir, expirou nas mãos de um ecclesiastico, cujo animo, indole e habitos eram muito inferiores á grande missão de segurar uma corôa vacillante.

Portugal fôra alfin unido á Hespanha, e esta união foi a morte do commercio e da influencia ingleza no nosso paiz.

Quando o throno popular de D. João IV se levantou d'entre os piques e machados dos anarchis-

tas do largo da Sé, d'esses anarchistas que têm sagrado mais thronos do que o direito divino, Portugal, saído do dominio estrangeiro, appareceu fraco, abatido, roubado e desprovido diante de uma Europa nova, da Europa que se tinha engrandecido durante o longo sonho da nossa servidão.

Na Inglaterra fervia a lucta dos principios politicos e religiosos, e todos os elementos sociaes se dispunham a tomar uma nova organisação. Estas luctas ás vezes gastam a vida dos povos, e extinguem o seu poder, outras vezes remocam-nos, validam-nos, e, depois de longas enfermidades, dão-lhes como por um encanto a saude e a força da juventude. As revoluções de Inglaterra tiveram esta sorte; custaram sangue e mortes, mas crearam uma nação, de cujo exorbitante poder nós somos agora a mais nobre e deploravel victima. A Hollanda tinha creado a sombra da sua constituição um grande poder maritimo; seu pavilhão dominava todos os mares, e tremulava afincado em todas as partes do mundo conhecido. A Haia era a séde da diplomacia, e a arbitra dos destinos europeus. Em França já começavam a raiar as luzes que ennobreceram o reinado de Luiz XIV, e principiava a crear-se essa força de concepção governativa, que depois desfechou nos mais gigantescos projectos. Finalmente, toda a Europa entrava n'uma nova era de força e vigor; e nós, diante d'este seculo novo, apresentámos-nos pequenos e atrevidos, mostrando nos fragmentos de uma corôa estrangeira a forrória da nossa nacionalidade.

O commettimento da revolução de 1640 foi sem duvida audaz, mas não podia a sua obra consolidar-se só pela força de nossos braços, e o throno de D. João IV pediu á Europa a sanção de seus direitos. Aqui nasceu uma seria de negociações e tratados com os inglezes, que se nos asseguraram até hoje a dynastia da casa de Bragança, arruinarão, e força confessional-o, a nossa prosperidade.

Ainda no reinado de Carlos I estipulámos o tratado de 1642, e a troca do reconhecimento da nova dynastia, concedemos á Inglaterra, entre outras vantagens, a franquia de nossos portos da Europa, a extinção de todos os monopolios de commercio, a liberdade de seu culto, a segurança de suas propriedades e restricção dos confiscos da inquisição sobre os bens portuguezes hypothecados a crédores inglezes. E nota, senhores, que no artigo 4.º d'este tratado se repõem no pé, em que se achavam antes da união com a Hespanha as nossas relações commerciaes com a Inglaterra; estipulação esta altamente significativa, e que reúne em si os dados para a resolução de grandes problemas politicos.

Ha, pois, quasi dois seculos, senhores, que os inglezes alcançam de nós concessões repugnantes á natureza do nosso governo; ha quasi dois seculos, que os inglezes revogam nossas leis e nossos usos em proveito seu; ha quasi dois seculos, que os inglezes procuram a entrada de nossos portos, como objecto de grande interesse; ha quasi dois seculos, que elles diligenciam a extinção de todos os privilegios protectores de nossas industrias.

Quando a cabeça do infeliz Carlos I se inclinava já para o cepo ensanguentado das revoluções de Inglaterra, a marinha britannica, luctando entre a leal-

dade monarchica e o principio revolucionario, desmembrou-se seguindo diversos partidos, e tomando por isso diferentes destinos. A parte fiel á realza saindo dos portos de Hollanda para fugir ás perseguições do protector Cromwell entrou, acossada do tempo, pela foz do nosso Tejo, e pediu a protecção das nossas leis e da nossa hospitalidade. Uma esquadra da republica bloqueou Lisboa, e pediu a entrega dos rebeldes. *Não queremos, porque o infortunio achou sempre amparo na nossa terra; porque nós não atraçoiámos quem se confia nos nossos lares.* O almirante inglez não ousou penetrar para aquem das nossas fortalezas, e vingou-se da nossa firmeza fazendo uma rica preza em nossos navios. D'este modo os inglezes acrescentaram suas riquezas, contentaram sua ambição; nós demos um exemplo de virtude, e unimos mais uma pagina brilhante á nossa historia.

Este procedimento do protector foi uma offensa flagrante dos principios da neutralidade, e uma infracção manifesta do artigo 19.º do tratado de 1642, que determinava *que se alguma cousa se emprehendesse, perpetrasse ou fizesse por algumas das partes contratantes contraria á força e effeito do tratado, isto não daria direito ao rompimento das hostilidades, mas simplesmente a uma justa satisfação dada pela parte infractora.* E deve notar-se, que, alem d'isto, os inglezes, a despeito do referido tratado, forneceram sempre armas aos nossos inimigos castelhanos!

Estes acontecimentos, o poder do protectorado e a debilidade da nossa monarchia nascente tornou necessaria a renovação de estipulações de aliança e de commercio com o novo governo de Inglaterra, e negociou-se o tratado de 1654, em que cada um dos artigos attesta a prepotencia de nossos aliados, e a miseria da nossa fraqueza. N'este tratado renova-se e revalida-se tudo o que se havia contratado no anterior, e demais estabelecem-se as conservatorias, concede-se aos inglezes a franquia do commercio das colonias, e entregam-se as desavenças occorridas entre negociantes inglezes e officias da alfandega á decisão de arbitros inglezes escolhidos pelo governo ou consul, inglez; e finalmente obriga-se Portugal a pagar todas as dividas contrahidas entre o nosso governo e subditos inglezes, e por um principio de bella reciprocidade sujeita-se á restituição de toda a propriedade britannica, que se havia apprehendido em represalias da pirataria do almirante Blake.

Ha quasi dois seculos, senhores, que os inglezes tomam arbitrariamente os nossos navios; ha quasi dois seculos, que os inglezes castigam com o roubo a nossa virtude; ha quasi dois seculos, que os inglezes infringem descaradamente os tratados para nos vexarem; ha quasi dois seculos, que os inglezes, depois de nos injuriarem, nos obrigam a estipulações deshonrosas; ha quasi dois seculos, que os inglezes sujeitam nossos concidãos ao arbitrio de seus juizes; ha quasi dois seculos, que se declaram legitimos senhores d'aquillo que, contra direito, houveram de nós, e nos pedem o pagamento do que lhe devemos.

(Continúa)

O amor como a morte é um grande nivelador. LYTTON.

UMA SINGULARIDADE

O sr. Carlos Testa, official da marinha portugueza, publicou um folheto em que numera os enxovalhos que temos recebido de nações mais fortes que a nossa, isto cremos que para attenuar um pouco o effeito do ultimo que acabamos de receber de uma nação, que se dizia *nossa alliada* e pela qual s. ex.^a parece ter uma especial predilecção.

S. ex.^a está talvez no seu direito; sómente perguntaremos á sua consciencia de patriota, se no momento em que a *patria* acaba de ser affrontada é generoso e digno vir relembrar affrontas passadas!

Não se nos afigura proceder de bom filho, tanto mais que algumas das offensas que s. ex.^a tão minuciosamente, e até parece que com tanto prazer menciona, se não parecem com esta, como seria facil proval-o, até com o seu proprio folheto; por isso apenas diremos que faz pena ver um velho, que se encanecou ao serviço da mais gloriosa marinha do mundo, singularisar-se tão estranhamente da opinião geral dos seus camaradas, e não usar para mais levantados intuitos da sua auctoridade e do seu saber!

Triste, triste.

AFONSO VARGAS.

TRABALHO MENTAL

Um conhecido medico de Paris, fez uma importante observação sobre o excessivo trabalho mental a que se obrigam as creanças.

Em um estabelecimento onde havia 600 creanças de ambos os sexos, observou-se que as meninas, que apenas tem dezoito horas de classe por semana e poucas mais de descanso, se desenvolviam com mais rapidez que os rapazes, que estudam durante trinta e seis horas e descansam dezoito.

Invertida a ordem das horas de estudo dos alumnos de ambos os sexos reconheceu-se no fim de poucos mezes que todos disfructavam da mesma robustez, saúde e animação.

O JORNALISMO EM LONDRES

Durante o anno de 1889 os principaes periodicos inglezes attingiram a tiragem diaria que em seguida indicámos:

Jornaes quotidianos. *Times*, 100:000 exemplares; *Standard*, 242:000 (as duas edições); *Daily Telegraph*, 252:000; *Daily News*, 100:000.

Jornaes hebdomarios: *Illustrated London News*, 100:000; *Graphic*, 100:000; *Police News*, 300:000; *Family Herald*, 200:000; *World*, 200:000; *Christian Herald*, 230:000; *Reynold*, 350:000; *Lloyd's Weekly*, 712:000.

FILIPPE II E A INQUIZIÇÃO

Innumeraveis pessoas suspeitas de seguirem a doutrina de Lutero haviam sido queimadas vivas pela Inquição; esperavam ainda trinta e tres em Valhadolid pela execução da mesma sentença. N'este co-

menos chega Filippe II áquella cidade, ordena que se proceda logo ao supplicio d'aquelles infelizes, e assiste a elle com grande ceremonial, com seu filho D. Carlos, sua irmã, seus cortezaes. Dirige-se-lhe com sentidas vozes uma das infelizes victimas, e diz-lhe: «Como podeis vós, ó rei, ser testemunha dos tormentos de vossos subditos? Tende antes compaixão de nós, e salvae-nos d'esta morte cruel que não merecemos!...»—«Eu, salvar-vos! responde-lhes o compassivo monarcha; levaria eu proprio a lenha ás costas para que meu filho fosse queimado, se tão culpado houvesse sido como vós!...»

E placido e impassivel, só d'alli saiu depois de reduzidos a cinzas os corpos de tantos desgraçados!...

O NOSSO PROTESTO

Nação das aguias belligeras,
Colosso de meio mundo,
Recebe o odio profundo,
Que um portuguez junta aos teus;
Reforce mais em teu animo
A raiva dos portuguezes.
Destroe a patria aos inglezes,
Dispersa-os como judeus.

Loanda.

JOSÉ FERREÃO.

ASSOCIAÇÃO TYPOGRAPHICA LISBONENSE E ARTES CORRELATIVAS

CONTA DA RECEITA E DESPEZA NO ANNO DE 1889

RECEITA:	
Quotas (91:703)	1:736\$240
Jóias e estatutos	80\$400
Juros de inscripções	204\$800
Juros de depositos do monte pio geral	178\$555
Recebido da commissão que promoveu a recita extraordinaria em homenagem á associação realisada a 5 de janeiro	221\$550
	2:259\$445
DESPEZA:	
Subsidios	1:387\$880
Indemnisação a familias de socios fallecidos	86\$000
Aluguer de trens para deputações	18\$000
Porcentagem ao receptor	1:152\$350
Ordenado do facultativo	150\$000
Visitas extraordinarias de medico a 3 socios	12\$500
Vencimento do continuo	18\$000
Premio de seguro da mobilia	12\$000
Despezas diversas	8\$700
	2:363\$006

RESUMO

	Em real	Em inscripções
Receita	2:259\$445	
Despeza	2:363\$006	
Differença contra o cofre	43\$861	
Saldo do anno anterior	639\$078	6:800\$000
Saldo que passa ao anno de 1889	585\$217	6:800\$000

Movimento associativo.—Numero de socios existentes em 31 de dezembro de 1888—418; admittidos, 57; desistentes, 7; fallecidos, 9; existentes em 31 de dezembro de 1889—459.

Corpos gerentes eleitos em assembléas geraes de 26 de janeiro e 23 de fevereiro de 1890.

Assembléa geral: presidente, Antonio Joaquim d'Oliveira; vice-presidente, Antonio H. Sotto Maior Judice; secretarios, João Baptista Borges e Agostinho José da Costa; vice-secretarios, Rosalino Candido Feijó e Antonio Marcos Figueira Freire.

Commissão administrativa.—Presidente, Joaquim Theodoro das Neves; secretarios, Miguel Julio Saraiva e Silvestre José de Andrade; thesoureiro, Julio Cesar Eustaquio dos Santos; vice-theoureiro, Antonio Mauricio; vogaes, David Sant'Anna, Henrique Cesar Ramos e João Antonio da Matta; supplentes, Illydio Florencio Ferreira e Paulo Augusto da Silva.

Commissão revisora de contas.—Adolpho de Jesus Mendonça, Antonio Joaquim Evaristo de Macedo; Henrique José Felgueiras, João Baptista David e Luiz de Salles Monteiro.